

Por uma metateoria das tensões comunicacionais: fundamentos para um objeto metateórico na Ciência da Comunicação¹

For a Metatheory of Communicational Tensions: foundations for a metatheoretical object in Communication Science

Luiz Signates
signates@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9348-9295>

Professor do Mestrado em Comunicação,
Cultura e Cidadania da Universidade
Federal de Goiás.

Resumo

Este artigo busca estudar o objeto da comunicação numa tentativa de enfrentamento dos problemas da exogenia e da dispersão do campo científico da comunicação, por meio da proposição de uma metateoria das tensões entre comunicabilidades e incommunicabilidades. Para isso, estuda o esforço teórico de alguns autores de referência, especialmente Ciro Marcondes Filho e José Luiz Braga, cujas contribuições epistemológicas e teóricas destacam-se como promotores de alguns avanços fundamentais da área. No fim, procura dar fundamentação à proposta de um objeto metateórico de caráter dialético para a ciência da comunicação.

Palavras-chave: : Ciência da comunicação, metateoria, tensões comunicacionais.

Abstract

This work aims to study the object of communication in order to face the problems of exogenous and the dispersion of the scientific field of communication, through the proposition of a metatheory of tensions between communicability and incommunicability. For this, it studies the theoretical effort of some reference authors, especially Ciro Marcondes Filho and José Luiz Braga, whose epistemological and theoretical contributions stand out as promoters of some fundamental advances in the area. In the end, it seeks to provide a basis for the proposal of a metatheoretical object of dialectical character for the science of communication.

Keywords: Communication science, metatheory, communicational tensions.

Introdução

A comunicação no Brasil é uma ciência diversa em plena construção. Desde que foi criado, na virada do século, o GT Epistemologia da Comunicação da Compós debruça-se sobre esse empreendimento acadêmico coletivo, refletindo, a cada ano, a diversidade e também a fragilidade dos debates desse campo. Denominado “epistemologia”, esse caminho, dentro da Compós, tem abrigado textos que nem sempre se limitam à discussão filosófica que este termo impõe. Abriga teorias, interpretações autorais, análises metodológicas e, claro, ensaios epistemológicos de diversos enraizamentos (Martino, 2014; Da Costa; Lacerda, 2015; Salgado; Mattos, 2021; Lemos; Bitencourt, 2021).

Entre essas discussões mais específicas, localizamos o debate a respeito do objeto da comunicação como um dos

centrais. Muitas vezes, a questão do objeto foi mobilizada pela busca pela definição do conceito de comunicação (Marcondes Filho, 2019), outras vezes pela dualidade dos meios ou processos de comunicação (França, 2001; Martino, 2008). Claro que a afirmação de que o campo da comunicação estuda comunicação é tautológica, pois nenhum conceito pode ser definido por si próprio. Assim, diferentes estratégias foram acionadas por pesquisadores e teóricos nos últimos anos, vários dos quais assíduos às sessões do GT de Epistemologia da Compós.

Neste artigo, analisaremos algumas dessas estratégias, sem qualquer pretensão de exaustividade, apenas centrados nas que consideramos ter melhor contribuído, senão para a solução do problema, ao menos para a sua compreensão mais acurada. Em outras palavras, as avaliações dos esforços dos pares não visam descaracterizá-los, e sim valorizar as conquistas, mas avaliando algumas lacunas e insuficiências justamente para procurar

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação do 31º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz/MA. 06 a 10 de junho de 2022.

contribuir no avanço do debate epistemológico sobre o objeto. Nesse sentido, este artigo tem por objetivo delinear dois dos principais problemas epistemológicos da área da comunicação no Brasil – a dispersão e a exogenia – e, em seguida, após discutir a natureza metateórica dessas questões, propor as bases de uma metateoria das tensões, como modo de superação desses obstáculos epistemológicos, utilizando, para isso, a revisão bibliográfica articulada com o método analítico.

1 O objeto como problema: entre a dispersão e a exogenia

Uma ciência em que o objeto é um problema não resolvido pode ser considerada uma ciência de teoria fraca, mesmo que tenha um campo científico razoavelmente estruturado (Vassalo de Lopes, 2003; Miranda, 2005; Martino; Berger; Craig, 2007). É o caso da ciência da comunicação, no Brasil, que se encontra em plena constituição (Braga, 2011b). Entretanto, neste caso, a fragilidade teórica não advém da indisponibilidade de arsenais conceituais e explicativos para os diversos tipos de fenômeno comunicacional, e sim da profusão deles.

Houve época em que as correntes digladiaram em torno de dicotomias. A mais antiga parece ser a que contrapôs (ou não) informação e comunicação (Pignatari, 2002; Duarte, 2007). Outra famosa dicotomia é a de administrativos *versus* críticos, estabelecida por Mauro Wolf (1987), que reiterou e aplicou à pesquisa e ao conhecimento em comunicação a dupla metáfora, dos apocalípticos e integrados, formulada por Umberto Eco (1967). Tais dicotomias não foram exatamente superadas por formulações que as densificassem, e sim tornaram-se fora de moda, deixaram de ser discutidas, em favor de novas ondas interpretativas que tomaram o campo, especialmente com a complexidade comunicacional trazida pelo desenvolvimento da internet em todo o mundo. A diversidade teórica estabeleceu-se em formações que contribuíram para o avanço interpretativo no sentido de um olhar múltiplo e bastante rico para a comunicação. Entretanto, demarcaram dois problemas novos, sobre os quais este artigo se debruça, ambos, inclusive, com características especificamente comunicacionais: a exogenia e a dispersão.

O diagnóstico desses problemas é oriundo de trabalhos recentemente publicados. Denomina-se dispersão a característica do campo de assumir uma grande diversidade de objetos e objetivos de pesquisa, sem que haja uma dialogicidade teórica ou metateórica dessas diferentes visadas. Como afirma Braga (2011a, p. 3),

[...] a diversidade não é, aliás, uma dificuldade especial de nosso campo de estudos. [...] Nossa dificuldade é a dispersão – decorrente do fato de que essa diversidade não se interroga, não produz tensionamento mútuo, não se desafia por perguntas e interpretações concorrentes que exijam reflexão cruzada.

E chamamos de exogenia a fundamentação de o campo da comunicação referir-se prioritariamente a teorizações que, em

suas origens, não foram concebidas para investigar problemas especificamente comunicacionais, culminando vários trabalhos produzidos no campo em produtos acadêmicos muito mais vinculados com áreas científicas correlatas do que com a da comunicação – e não raro adotando a comunicação como um conceito subalterno ou instrumental, ou apenas como um elemento referido ao *corpus* empírico, e não à indagação fundamental da pesquisa feita (Signates, 2015; Druetta, 2007; Martino, 2005; Felinto, 2007). Como afirma Martino (2016, p. 29), “um olhar para as bases epistemológicas do que chamamos ‘Pesquisa em Comunicação’ indica [...] a ‘comunicação’ como um ‘epifenômeno’ de outros processos sociais, que, estes sim, são analisados nos trabalhos”.

Assim, poderíamos inferir que a dispersão seja a característica centrífuga e a exogenia, a centrípeta, do mesmo problema: a fragilidade teórica estabelecida pela indefinição do objeto da comunicação. Exogenia e dispersão constituem, portanto, sintomas de trabalhos muitas vezes extensos, produzidos no campo da comunicação, que pouco ou nada contribuem para uma compreensão teórica da comunicação. Contudo, dispersão não é diversidade, nem exogenia é interdisciplinaridade. Diversidade e interdisciplinaridade não constituem problemas – ao contrário, representam riquezas epistêmicas, características de nossa área. A ciência da comunicação é, nesse sentido, claramente uma articulação de pensamento e pesquisa que não se fecha em torno de um “núcleo duro”, no sentido de Imre Lakatos (1983); constitui, pois, uma ciência aberta, nos melhores termos de um pensamento complexo e em constante construção, e isso não se deve perder. Entretanto, como veremos, isso às vezes se perde em grupos específicos dentro do campo.

A interdisciplinaridade, na medida em que não totalizada como uma sina irremissível do campo (“interdisciplinarismo”, conforme Braga, 2011b), constitui também uma riqueza metodológica, que caracteriza, aliás, qualquer ciência relevante². A interdisciplinaridade só se tornará exógena se e quando adotar a comunicação como referência teoricamente perfunctória ou subalterna, ante teorizações supostamente mais densas, mas desfocadas do problema comunicacional. Voltaremos a este debate mais adiante neste artigo.

O problema, pois, não é a diversidade, mas a dispersão; e, também, não é a interdisciplinaridade, mas a exogenia. Trata-se, portanto, de abordá-los a partir de um pensamento de superação, começando por conferir-lhes um caráter especificamente comunicacional, isto é, assumir uma postura explicitamente autorreflexiva, no sentido de estudar esses dois sintomas do campo da comunicação como problemas comunicacionais.

O exame da dispersão é um problema especificamente comunicacional, na medida em que, como enfatizamos, aparece tensionado com a noção de diversidade. Ou seja, a dispersão constitui sintoma da falta de diálogos metateóricos entre as visadas comunicacionais teoricamente propostas pelo campo. A pergunta, então, de caráter comunicacional, passa a

² Braga (2004) efetua uma interessante disjunção entre duas definições de interdisciplinaridade. A primeira, como concorrência de várias disciplinas e, a segunda, como ausência de objeto específico, tornando a ciência específica em um “aglomerado interdisciplinar, uma espécie de acordo *ad hoc* de disciplinas para tratar de certos temas” (Braga, 2014, p. 226). O

interdisciplinarismo seria esta segunda vertente, discutível quando aplicada ao campo da comunicação, por significar uma postura de desistência do objeto (Signates, 2021).

ser: o que dificulta a realização dessa dialogicidade, a ponto de torná-la inviável ou apenas episódica?

Trabalhamos hoje, em nível de pesquisa, com diferentes hipóteses, dentre as quais talvez possamos elencar limitações relacionadas a:

(1) Pressupostos que estabelecem de forma peremptória cada visada teórica, quando efetuam recusas *ab initio* de outras abordagens. Em geral, esta exigência é declarada como rigor, consistência ou coerência, compreendidas como a adequação das temáticas e abordagens àquelas que os autores principais determinam, considerando seus princípios e categorias. A ideia de rigor relaciona-se à noção de precisão, de consistência na interpretação seja dos fundamentos conceituais, seja dos observáveis empíricos, constituindo uma atitude intelectual feita sob medida para diferenciar o discurso acadêmico daquele relacionado às culturas provenientes do senso comum e do senso religioso. Pragmaticamente, um autor não deve ser interpretado para além do que se propôs, nem suas redes conceituais podem ser transgredidas e ao mesmo tempo tais transgressões serem a ele atribuídas (Husserl, 1968). Entretanto, a busca por rigor arrisca-se também a produzir restrições teóricas e metódicas ao pensamento, enclausurando-o em circunscrições demarcadas por preferências epistêmicas, que se tornam critério para recusa a interpretações diversas. Em termos coloquiais, é quando a exigência de rigor se converte num tipo intelectual de *rigor mortis*, impedindo a crítica por torná-la inadequada aos debates científicos fechados em grupos temáticos ou visadas teóricas pressupostas. No exame das metodologias qualitativas, os metodólogos têm frisado que rigor não significa indisposição para o diálogo, nem repressão à criação e à ousadia do pensamento (Castillo; Vásquez, 2003; Prestes, 2012).

(2) Redes conceituais próprias, que operem no mesmo sentido de fechamento sistêmico dos pressupostos anteriores. A funcionalidade das arquiteturas teóricas permite a produção de mundividências específicas, que passam a condicionar os olhares, as questões e os problemas submetidos à pesquisa. Assim, tais redes conceituais assumem de modo particular uma função próxima à das ideologias, o “núcleo duro”³ (Lakatos, 1983) do paradigma teórico, que, como um sistema dogmático, protege-se de interferências indesejadas à sua sobrevivência. As disciplinas ou escolas teóricas, quanto mais admitidas pelo conjunto dos pesquisadores, menos se tornam dispostas ao diálogo com outras visadas ou teorias. No limite, os pesquisadores operam comportamentos semelhantes aos dos fiéis vinculados a religiões ou partidos, cujos mecanismos defensivos são acionados ao menor sinal de ameaça crítica.

(3) Pretensões totalizantes na interpretação de processos comunicacionais, que se traduzem em falta de acuidade, em diversas linhas de abordagem, sobre a diversidade desses processos na própria sociedade ou nos observáveis de pesquisa⁴. Esta seria a consequência imediata das condições anteriores ao campo da comunicação e se traduz pela leitura dos complexos fenômenos comunicacionais a partir de óticas teóricas singulares, presumindo-se que sejam elas capazes de percebê-

los suficientemente em sua inteireza. Constitui-se, nesse caso, em um tipo de reducionismo, comumente expresso por um tipo específico de “sofisma de composição”⁵, no qual uma determinada formulação teórica, ocasionalmente válida para um tipo de fenômeno (nem sempre comunicacional), é aplicada a todo e qualquer fenômeno comunicacional. Essa atribuição sofismática, que desconsidera a diversidade e a complexidade dos processos comunicacionais, constitui um relevante fator de dispersão, na medida em que demonstra uma ausência de acuidade para com a diversidade da comunicação.

(4) Tribalização acadêmica, cuja especificidade identitária implique em impedimento de rearticulações ou constitua filtros de distinção ou seletividade para qualquer interlocução possível. O aspecto sociopolítico do problema do conhecimento tende a institucionalizar obstáculos aos ritos de entrada e, com isso, restringir as produções acadêmicas que eventualmente ultrapassem ou destoem dos códigos já especificados, a pretexto de rigor. É, de fato, tênue a linha entre as tribos acadêmicas e os grupos solidários de pesquisa, sendo suficiente, para distingui-los, observar a capacidade ou a incapacidade de absorção de diversidades teóricas em suas temáticas de interesse. Desde Bourdieu já se sabe que os aspectos epistemológicos e sociológicos do campo científico não são separáveis (Bourdieu, 1976).

Tais limitações, respectivamente de caráter epistemológico, teórico, metodológico e sociológico, são movimentos comunicacionais de fechamento sistêmico, que parecem estar na geratriz dos problemas de dispersão do nosso campo, e aparentam ter força suficiente para ignorar as proximidades de comunicabilidade articuladas pelos congressos, instituições e programas da área, produzindo uma situação histórica e social de fragmentação do campo, vazão de interlocução epistemológica e, por conseguinte, de dispersão teórica.

Já o exame da exogenia parece ser produto de uma ausência específica: a de uma teoria ou uma epistemologia forte, capaz de fazer gravitar os objetos em estudo pelo campo e, com isso, estabelecer possibilidades de interlocução interdisciplinar com outros campos em pé de igualdade, isto é, a partir de parâmetros próprios de ajuizamento das contribuições eventualmente trazidas de outros campos disciplinares. Esse problema central, em termos igualmente hipotéticos, conduz a alguns desvios do campo, como os seguintes:

(1) O interdisciplinarismo, percebido como uma espécie de desistência do objeto (Signates, 2021), no sentido de recusa a especificar o comunicacional como um objeto consistente, preferindo ancorar os estudos da comunicação na perspectiva de meras interações entre campos consolidados do conhecimento. Há também os desistentes não interdisciplinaristas, que, por diferentes razões, defendem algo como a impossibilidade de se definir um objeto para a comunicação (Venera, 2019). Essa recusa de buscar ou arriscar-se ao delineamento do objeto, além de evidenciar uma fragilidade na discussão epistemológica ou metateórica dentro do campo, termina por ratificar o mal-estar teórico que o fragiliza.

³ Para Lakatos (1983, p. 116), o núcleo duro é aquele conjunto de proposições que é aceito por convenção (e, portanto, ‘irrefutável’ por decisão provisória). Toda ciência possui seu núcleo duro, que lhe confere identidade e serve de referência para os juízos de rigor. O problema surge quando o fechamento sistêmico contamina o critério de verdade e aciona mecanismos defensivos às críticas.

⁴ Devo a ideia deste item à inestimável contribuição do professor José Luiz Braga em diálogo acerca destes referenciais críticos, quando ainda em nível de projeto. O seu desenvolvimento interpretativo, porém, é de minha responsabilidade.

⁵ Denomina-se “sofisma de composição” a atribuição a um conjunto de princípios ou regras que sejam válidas apenas para uma parte do todo.

(2) A secundarização da comunicação no delineamento do objeto, decorrente de um *partis pris* de subalternidade em relação a conhecimentos não comunicacionais e não raro configurando o conceito de comunicação em perspectiva instrumental e perfunctória, na relação problemática com conceitos exógenos, estes percebidos como dados ou suficientes em si mesmos. Uma visão instrumental da comunicação não é novidade no nosso meio, tendendo a ser quase um paradigma em várias áreas, inclusive na classificação do CNPq, quando a toma como uma “ciência social aplicada”. Nesse sentido, a percepção é de que comunicação é algo que se “usa” para alcançar algo e não um elemento constitutivo da relação social, momento em que a ideia de comunicar se torna uma variável dependente de conceitos hauridos de outras disciplinas e apresentados como prioritários. A pertinência dessa abordagem nos estudos sobre comunicação é tão grande que é possível afirmar que a busca pelo especificamente comunicacional passa, quase necessariamente, pela superação de uma visão utilitarista ou instrumental do conceito de comunicação (Signates, 2013).

(3) O desvio metodológico posicional, na identificação do objeto da comunicação no próprio *corpus*, ou seja, os observáveis são tomados como comunicação em si mesmos, como se pudessem substituir ou fossem suficientes para satisfazer a indagação de conhecimento em comunicação. Trata-se de uma abordagem também bastante comum no campo. Não é raro surpreender trabalhos em comunicação, cujo vínculo com a área seja um *corpus* empírico que a tradição considera um “meio de comunicação”, sem que uma noção precisa do comunicar esteja presente na questão-problema da pesquisa. Isso, claro, não significa que sejam trabalhos irrelevantes, inclusive para interfaces com a comunicação; distinguem-se, contudo, por não estudarem especificamente comunicação. Inscrevem-se nessa abordagem, por exemplo, as várias pesquisas de economia política dos meios tecnológicos de informação, que, embora sejam relevantes para o conhecimento dos processos administrativos, econômicos e políticos das instituições midiáticas, não trazem a comunicação como objeto, nem acrescentam às teorias do campo, constituindo-se, não raro, trabalhos mais vinculados às disciplinas de economia, sociologia ou política, em abordagens de interface com instituições de interesse comunicacional (Felinto, 2017).

(4) Por fim, a ausência de contribuição dos estudos e pesquisas para a construção de teorias da comunicação, isto é, os relatos de pesquisa produzem consequências teóricas que avançam apenas setorialmente, sem contribuir para o desenvolvimento teórico mais amplo do campo, nem efetuar qualquer discussão epistemológica de interesse para os estudos de comunicação. Não é incomum que campos científicos sejam povoados de pesquisas específicas e singulares, que se debruçam sobre problemas práticos ou casos não generalizáveis, posicionando resultados empíricos sem grandes pretensões teóricas ou epistemológicas. Entretanto, parece justo estranhar que tal aconteça num campo em que o objeto

não esteja nem sequer delineado e no qual as teorizações sejam tão pouco próprias. Em outros termos, o campo da comunicação talvez devesse preocupar-se mais com sua configuração teórica e metateórica, até como estratégia de consolidação de suas atividades de pesquisa e produção de conhecimento. Há estudos que indicam que a relativamente pequena vocação teórica⁶ do campo decorre do fato de as formações graduadas serem todas, desde a origem, majoritariamente técnicas e profissionalizantes, com pouca ou nenhuma preocupação com os aspectos científicos, filosóficos ou de explicação geral dos problemas do mundo.

Como se observa, a dispersão e a exogenia não são problemas estáticos nos seus modos de manifestação dentro do campo, mas variáveis dependentes de situações de contexto ligadas aos modos de funcionamento do campo. Como tal, devem ser registrados os esforços de pensadores brasileiros para dar conta deles. Neste trabalho, registramos dois exemplos fundamentais e diretamente implicados na solução desses problemas: a contribuição teórica de Ciro Marcondes Filho, na busca por resolver o problema da exogenia, e o debate teórico-epistemológico de José Luiz Braga, comprometido com a redução da dispersão. O debate entre eles, ocorrido na primeira década do século XXI, constitui um caso típico e bastante produtivo de autorreflexividade do campo da comunicação no Brasil.

2 Marcondes Filho: um objeto preciso elimina a exogenia

Em geral, os estudos feitos em direção à solução dos problemas da dispersão e da exogenia constituem buscas marcadamente teóricas voltadas para circunscrever a comunicação como objeto em marcos epistêmicos específicos. Em outras palavras, diante do diagnóstico geral de que “não temos uma teoria forte da comunicação”, trata-se, então, à primeira vista, de se conceber e produzir essa teoria. Tais esforços não são improdutos, muito pelo contrário, mas, não raro, conseguem dar conta apenas de um dos lados do problema. Este é o caso típico da Nova Teoria da Comunicação, importante obra do professor Ciro Marcondes Filho, produto de extenso estudo da filosofia antiga e moderna, que apresenta uma visada teórica original e heurística das questões comunicacionais.

Articulando uma extensa e minuciosa discussão com diversos autores de várias tradições de pensamento, Marcondes Filho efetuou uma definição precisa da comunicabilidade humana, em um sistema tríplice formado pelos conceitos de sinalização, informação e comunicação, definindo esta última como um estado raro de interação caracterizado pela produção de diferenças (Marcondes Filho, 2008, 2010, 2013b), e deduzindo dessa arquitetura teórica um “quase-método” – o metáporo (Marcondes Filho, 2013b).

Contrasta em Ciro Marcondes Filho o vigor de aspectos fundamentais de sua teoria e a baixíssima recepção dela pelo campo da comunicação no Brasil⁷. Sua adoção peremptória,

⁶ Uma interessante discussão sobre a natureza específica das teorias da comunicação é o livreto *Teorias da comunicação: muitas ou poucas?*, organizado por Luiz Cláudio Martino (2007). Neste opúsculo, Charles Berger opina que “no caso da comunicação, não somente há relativamente pouco comércio entre as várias sub-áreas do campo [...] como também

aparentemente não existe um corpo teórico comum que unifique as pesquisas conduzidas nestes contextos de comunicação incontestavelmente singulares” (Berger, 2007, p. 44-45).

⁷ Das críticas dignas de nota, além dos textos específicos de Braga (2010, 2012, 2013), pode-se citar a virulenta crítica de Rüdiger (2020),

salvo raríssimos casos, ocorreu apenas por orientandos do próprio autor. Nem mesmo os seminários que ele promoveu, com o fito de colocá-la à prova na relação interpares, surtiu para ele o efeito esperado. Por várias vezes ele se queixou de que, nesses eventos, os interlocutores convidados compareciam para esgrimir as próprias ideias, sem efetuar a esperada discussão crítica de sua teoria. Ainda hoje, é possível dizer que o debate instaurado pelo saudoso professor da ECA/USP é quase inteiramente ignorado pelos pesquisadores brasileiros. Em 2021, ao comemorar o primeiro ano de sua morte, a *Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação* abriu uma chamada de trabalhos sobre a obra dele e obteve menos de uma dezena de artigos, a maioria de seus ex-orientandos.

Uma rápida análise, sem pretensão de exaustividade, das contribuições da Nova Teoria da Comunicação (NTC) ao debate teórico e epistemológico da comunicação parece-nos suficiente para demonstrar que é injusta a indiferença com que ela tem sido tratada pelo campo. Senão, vejamos.

A NTC estabiliza de forma altamente consistente a velha discussão sobre a dicotomia informação/comunicação, ao acrescentar a noção de sinalização, atualizar as concepções sistêmicas e recuperar, dentro dela, parâmetros éticos profundamente sintonizados com as filosofias sociais contemporâneas. Diferente de outros arranjos teóricos, que ou priorizam um desses conceitos, como fazem, por exemplo, os teóricos da ciência da informação, por um lado, e os interacionistas, por outro, ou os confundem, como procedem em geral os estudos de jornalismo, que não raro dão a processos comunicacionais típicos dessa atividade uma denominação inespecífica de informação, Marcondes Filho realiza a proeza de combinar esses conceitos num mesmo sistema teórico, conferindo a cada um deles uma tal precisão que faz emergir uma terceira noção, a de sinalização. A tríade sinalização/informação/comunicação pode ser contestada, por opção legítima a outras arquiteturas teóricas, mas não se podem negar sua consistência e sua validade, nem deixar de citá-la ou discuti-la, sempre que esses conceitos entrarem em debate.

Na verdade, Marcondes Filho não se interessava por sinalizações ou informações. Esse tríduo conceitual foi composto para dar precisão e relevo à noção de comunicação, cuja definição, haurida de uma sofisticada combinação crítica entre a ética filosófica diferencialista de Emmanuel Lévinas e os princípios básicos da teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann, ele tornou a coluna mestra de seu ambicioso projeto teórico. Em semelhante percepção de originalidade teórica, é relevante destacar o princípio da razão durante, pela qual a NTC efetua curiosa atualização da filosofia da temporalidade, a partir da apreensão fenomenológica da comunicação.

Destarte, a NTC efetua um diálogo denso com a herança filosófica moderna e com os teóricos contemporâneos, sempre na direção de um debate teórico do qual resultam fundamentos epistemológicos, isto é, filtrando nas leituras e estudos o conceito de comunicação, suas características e categorias, para apontar fragilidades e possibilidades. Em maioria, são autores com os quais o campo tem dialogado também, mas de forma fragmentária e, como se avaliou aqui, às vezes tribalizada, como se esse diálogo presumisse a adesão às escolas específicas às

quais esses autores se vinculam, talvez porque nossos colegas, em geral, não pretendem fazer teorias gerais da comunicação, mas apenas produzir interpretações específicas sobre observáveis pontuais, que deem conta de objetos próprios, nem sempre especificamente comunicacionais.

Com base nessas articulações teóricas, agregadas a uma extensa interlocução com vários outros autores da filosofia, da sociologia e das ciências da linguagem, é possível inferir que a NTC vincula de modo original a pesquisa em comunicação à sensibilidade estética e à percepção do outro. Não é a primeira abordagem em comunicação que faz isso, nem é a única, mas sua estruturação como teoria e, especialmente, sua aplicação ao próprio conceito de comunicação e, também, à repercussão metodológica (ou metapórica, para ser mais coerente) possuem traços de originalidade que devem ser considerados, como possibilidades de relevantes de desenvolvimento teórico para o campo.

A pouca fortuna crítica recebida pela NTC prejudicou, sem dúvida, o seu desenvolvimento e mesmo uma avaliação segura das contribuições devidas a um campo cuja consistência teórica tem se mostrado epistemologicamente frágil e teoricamente fragmentária. Das poucas críticas havidas, é digno de nota o debate entre *Ciro Marcondes Filho* (2011, 2013a) e *José Luiz Braga* (2010b, 2012, 2013) sobre a questão da raridade do acontecimento comunicacional. À época, o debate emergente destacava o significado do conceito de comunicação, que já tinha tido momentos expressivos, como na célebre distinção entre a visada sociointeracionista de Palo Alto, de que “não é possível não comunicar” (Watzlawick; Beavin; Jackson, 1973), e o fechamento das teorias de sistemas, para as quais a comunicação é impossível (Von Foerster, 2003) ou improvável (Luhmann, 1992). A natureza específica desse problema é fundamentalmente semântica: trata-se de saber o que é, afinal, comunicação, e a produtiva discordância entre Marcondes Filho e Braga não ignorou esse aspecto, revelando também a profunda diferença entre ambos. *Ciro*, preocupado com a produção de uma definição precisa, e *Braga*, com o acolhimento da diversidade com que o conceito era tratado pelo campo. Em outras palavras, o problema para Marcondes era a exogenia, e em Braga, a dispersão.

Ao propor uma teoria especificamente comunicacional, Marcondes Filho elimina de seu pensamento qualquer traço de exogenia, sem perder a extensa e profunda interlocução com os saberes disponíveis na tradição intelectual do ocidente. Entretanto, sua proposta não elimina o problema da dispersão, exatamente por se mostrar teoricamente fechada para outros sistemas explicativos da área. Em outras palavras, ao definir de forma precisa e minimalista o conceito de comunicação, terminou por perder capacidade gravitacional das demais abordagens. Também por esta razão, a Nova Teoria teve uma acolhida extremamente limitada no campo da comunicação no Brasil.

3 José Luiz Braga: contra a dispersão, uma teorização aberta e instigadora de novas perguntas

Diferentemente de *Ciro Marcondes Filho*, *José Luiz Braga* não apresenta um sistema teórico fechado ou completo e, mais

respondida no mesmo ano por um Marcondes Filho já bastante debilitado pela doença que o levou.

do que isso, sempre declarou sua inteira despreensão nesse sentido. Ele acredita num caminho construtivo, capaz de absorver *insights* do campo e torná-los produtivos, dentro de um processo a que tem denominado “epistemologia evolutiva”⁸. A trajetória deste autor, nos últimos vinte anos, tem sido uma interessante jornada em que reflexões epistemológicas e metodológicas produzem conceitos que, em regime de intenso diálogo com o campo, têm paulatinamente conformado um sistema teórico-epistemológico que, por um lado, admite como positiva a enorme diversidade de abordagens existentes e, por outro, busca encontrar e revelar indícios das processualidades comunicacionais, ao mesmo tempo que distingue modos produtivos de desenvolvimento do conhecimento em comunicação. Trata-se de um dos principais pensadores da comunicação no Brasil, hoje, e seu pensamento interfere em vários sentidos no que este texto propõe.

Braga é profundamente atento à problemática da dispersão, mas dentro de uma preocupação específica: a de que qualquer solução para ela não seja eliminadora da diversidade que caracteriza o campo. Por considerar a diversidade uma riqueza, ele não tem a pretensão evoluir para qualquer teoria geral da comunicação, até por saber, a partir da experiência de Ciro Marcondes, com quem dialogou intensamente, que isso não seria facilmente acolhido pelos pares. Trata-se, pois, de uma postura epistemológica, a de que a diversidade é uma riqueza; e também política, pois a tribalização do campo é fortemente impeditiva de um debate suficientemente amplo, que fosse capaz de proporcionar uma integração de percepções em torno de conceitos fundamentais orientados para uma teoria geral da comunicação.

Num primeiro momento, Braga buscou responder à indagação que concentrou por décadas os esforços de Ciro Marcondes Filho: o que é, afinal, a comunicação? Ou, em termos epistemológicos, o que, em suma, se estuda, quando se diz estudar comunicação? Nesse momento, revelou sua visada fortemente interacionista – a única capaz de absorver relativamente os vários conceitos de comunicação disponíveis – e voltada para a busca pelo “especificamente comunicacional” no âmbito das relações de linguagem.

Sua definição de comunicação, desenvolvida numa palestra feita em 2016, é praticamente uma não definição. Depois de debater vários problemas e condições de construção conceitual, assume a ideia de que se trata de uma categoria do senso comum e, por isso, “nesse espaço, não precisa ser explicada [...]. Nosso trabalho [...] é o de desenvolver (certamente com apoio no conhecimento disponível nas ciências sociais e na filosofia), uma verdadeira disciplina de conhecimento” (Braga, 2016, p. 19).

Num caminho bastante próximo ao do interacionismo simbólico, mas pensado na centralidade do comunicacional, Braga concentra-se no estudo das relações entre comunicação, linguagem e sociedade, produzindo vários conceitos profundamente heurísticos para uma compreensão especificamente comunicacional, isto é, não dispersa, mas aberta para a diversidade e o diálogo. A partir dos estudos de

Deleuze sobre Foucault, engendra a noção de dispositivo interacional (Braga, 2011a), na qual localiza uma produtiva possibilidade de circunscrição do objeto. Nesse estudo, verifica os processos de produção contínua do sentido, por meio de circuitos pelos quais a linguagem circula socialmente, através de fluxos que articulam as tentativas (Braga, 2010a) dos sujeitos de interagir e se fazerem compreender, utilizando e, ao mesmo tempo, recriando os códigos para produzir inferências.

Em 2017, Braga efetua uma descoberta singular: a de que a comunicação é anterior à linguagem. Baseado num estudo de Oliver Sachs, assume a tese de que, diferentemente do que pensa o senso comum e da produção acadêmica em várias áreas do conhecimento, a comunicação não é um produto, isto é, não é algo que se torna possível com a linguagem, e sim o contrário. A invenção da linguagem é que é um produto comunicacional. A linguagem existe porque os homens se comunicam, interagem uns com os outros e, assim, foram historicamente capazes de inventar códigos e simbólicas (Braga, 2017).

A importância dessa descoberta ainda não foi avaliada nem sequer pelo campo da comunicação. Trata-se, se for verdadeira, de uma virada paradigmática, que é preciso colocar em pauta no âmbito não apenas das ciências da comunicação, mas da filosofia, pois tem o condão de refutar a tese heideggeriana, que se seguiu à *tournee linguistique* de Wittgenstein, da centralidade da linguagem na constituição do ser. Em síntese, Braga aponta para uma concepção de comunicação que indica uma ontologia do especificamente comunicacional.

Não faremos aqui, até por questões de espaço, um debate minucioso das abduções de José Luiz Braga, mesmo porque neste momento elas ainda estão inacabadas. O pensamento deste autor é, contudo, suficiente para demonstrar que seu método indiciário, isto é, a busca pela percepção do especificamente comunicacional a partir das pistas e sinais que esse processo deixa ao longo do caminho das interações, é extremamente funcional para a produção de conceitos heurísticos (Braga, 2010a). Devagar, o trabalho de Braga vai construindo uma arquitetura teórica própria do comunicacional, que, se não tem a mesma força definidora para o conceito que caracteriza a NTC de Ciro Marcondes Filho, demonstra, contudo, uma capacidade muito maior de dialogar com as diferentes posições teóricas e epistemológicas do campo. Se a teoria de Marcondes Filho elimina a exogenia, mas sacrifica, por sua força propositiva, a diversidade, deixando, por isso, intocada a dispersão, a teorização de Braga concentra-se na questão da dispersão, e, para isso, garante a permanência de um intencionalmente fraco esforço definidor para a comunicação, buscando, ao invés, articular as disponibilidades existentes em uma arquitetura que possa ser tão comum quanto possível às várias abordagens, no que ele denomina de teorias intermediárias, significando isso um esforço teórico que busca reunir elementos esparsos dos resultados de pesquisas em uniformidades possíveis que possam constituir uma teoria de médio alcance, que beneficie paulatinamente a consolidação da disciplina (Braga, 2020).

⁸ A noção de epistemologia evolutiva ou epistemologia selecionista (Abrantes, 2004) decorre dos trabalhos de Campbell e de Karl Popper, a partir de analogias entre o modo como as teorias são testadas e a maneira como os seres vivos competem e são selecionados em sua adaptação diferencial com o meio ambiente, respaldadas na ideia de que tentamos

resolver problemas e obter, por eliminação, alternativas que se adequem às nossas tentativas. No momento em que este trabalho estava sendo escrito, José Luiz Braga ainda não havia revelado a sua aplicação das ideias popperianas aos estudos epistemológicos da comunicação.

Observe-se, em acréscimo, que o trabalho de Braga se distingue por não apenas efetuar proposições heurísticas no campo da elaboração teórica, mas também fazer, de forma generosamente dialógica, um debate epistemológico relacionado às próprias condições de construção desse conhecimento. Braga não é, nem pretende ser um autor enciclopédico, razão pela qual evita adentrar em alguns debates acadêmicos extremamente pesados (como o da ontologia, por exemplo), mesmo que suas conclusões os indiquem. Entretanto, exercita a argumentação lógica com rara competência e, assim, efetua inferências extremamente interessantes em todo o gradiente desse debate – o epistemológico, o teórico e o metodológico. Isso o torna uma referência para nós.

4 Projeto metateórico: uma saída possível

O trabalho da Braga, como vimos, tem alcançado o especificamente comunicacional pela via teórica, com ganhos ponderáveis em termos de descobertas fundamentais. Evidentemente, ele não é o único que tem contribuído nesse sentido. Podemos citar Muniz Sodré, cujo conceito de *bios midiático* trouxe uma visada igualmente relevante nesse sentido, assim como os pesquisadores da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinis), que articularam, com a participação também de Braga, o rico conceito de midiaticização, para afirmar a generalização contemporânea dos sentidos comunicacionais em toda a sociedade. Este trabalho é demasiadamente limitado para conter as contribuições dos vários pensadores e pesquisadores brasileiros preocupados com o debate epistemológico e, especialmente, com a circunscrição do objeto da ciência da comunicação. O destaque aqui para Ciro Marcondes Filho e José Luiz Braga deve-se à tipicidade das proposições de ambos quanto à problemática do especificamente comunicacional, relacionadas às questões da exogenia e da dispersão.

Seguindo uma linha semelhante à desses autores de referência, a proposta que estamos colocando em discussão tem igualmente a intenção de valorizar a diversidade teórica disponível sob o desafio de fazer isso sem as características da dispersão. Mesmo reconhecendo os avanços teóricos do pensamento de Braga, no sentido de produzir achados especificamente comunicacionais, nossa visão é de que seu esforço segue desprotegido da possibilidade de se tornar uma proposta em meio às outras, arriscando-se a perder sua contribuição para a redução da dispersão do campo, em razão dos conflitos a que as posições marcadamente teóricas se expõem, num contexto de tribalismo teórico e exogenia cristalizada. O que aconteceu rapidamente com Marcondes Filho, motivado pela enorme força definidora do conceito central da NTC, pode acontecer paulatinamente com Braga, ainda que sua articulação teórica não se proponha impositiva e excludente.

Assim, este trabalho adentra essa discussão para apontar, modestamente, uma peculiaridade que pensamos ser relevante: a de que é preciso tematizar as condições metateóricas de interlocução dos arranjos teóricos e descobertas emergentes, como um modo irrenunciável de efetivar a produção do conhecimento em comunicação, a fim de possibilitar que a diversidade teórica, que se torna cada vez mais produtiva no campo, não se envie para novas formas de

dispersão. Pensamos, nesse sentido, que a saída para o problema não é – ou, pelo menos, não tem necessária ou prioritariamente que ser – teórica, e sim metateórica. A intenção, portanto, é buscar avançar para além de Marcondes Filho e paralelamente a José Luiz Braga, a Muniz Sodré e aos demais autores que efetuem demarcações teóricas acompanhadas de debates epistemológicos.

Nesse sentido, para alcançar os objetivos aqui propostos, uma metateoria deve se constituir como um arranjo epistemológico-comunicacional, dentro do qual a noção de comunicação, em várias definições, seja central para o pensamento. E, para que se consiga dar conta do largo espectro de possibilidades teóricas e empíricas em análise, esse arranjo deve viabilizar a localização de limites, dentro dos quais as distinções, semelhanças e demais peculiaridades possam caber. Um arranjo metateórico, portanto, enlaça epistemologia e teoria em uma mesma articulação autorreflexiva, na qual deixa de ser possível fazer teoria sem assumir uma posição epistemológica especificamente comunicacional, eliminando de vez a possibilidade de exogenia, e, de modo correlato, deixa de ser necessário fazer epistemologia ou filosofia da ciência da comunicação sem apontar operadores teóricos úteis ou evitando as repercussões metodológicas. Em outras palavras, um projeto metateórico que contemple essas duas condições – a centralidade do comunicacional e o estabelecimento de casos ou conceitos limites para circunscrever as possibilidades – pode ser um debate ensaístico interteórico, de caráter epistemológico, ou um relato de pesquisa empírica com finalidades teóricas. E isso só é possível porque o objeto estará posicionado no âmbito metateórico, isto é, na zona de interface entre filosofia e ciência, entre epistemologia e teoria/método.

Isso consolidado, torna-se necessário definir os parâmetros metateóricos dessas duas condições estabelecidas. Nossa proposta é que a segunda condição, a da circunscrição de limites, seja operada dentro dos termos da primeira, a da centralidade do comunicacional. Ora, os casos-limites de uma operação comunicacional qualquer, não importa qual seja a definição dada ao conceito de comunicação (indefinição que assumimos por método, como fator essencial, por ser aquilo que garante a visada metateórica para o objeto), são os polos distinguidos por comunicabilidades e incomunicabilidades. Nesse sentido, é possível dizer, por exemplo, que a postura de Palo Alto (não é possível não comunicar) e a da cibernética de sistemas (comunicar é impossível) sejam consideradas não posições teóricas que se excluem e que, portanto, obriguem o pesquisador a operar escolhas de fé, e sim polos de uma tensionalidade que, justamente ela, funda o objeto da ciência da comunicação e, em movimento contradispersivo, faz dialogar suas discrepâncias. Eliminamos a exogenia, garantindo a centralidade do especificamente comunicacional, e evitamos a dispersão, estabelecendo a tensionalidade comunicacional como objeto, e não um ou outro conceito em comunicação.

Esse arranjo metateórico, na medida em que pretende articular epistemologia e teoria, demanda um método, e, neste caso, exatamente por trabalhar com um modo de circunscrição do objeto a partir de casos-limites, ele não precisa ser inventado. Trata-se do método dialético, adaptado a regimes comunicacionais de operação lógica. Assim, propõe-se que, diante de sistemas teóricos, relatos empíricos em comunicação ou problemas de pesquisa diante de observáveis, deve-se, no mínimo:

- a) Identificar os conceitos de comunicação envolvidos e as comunicabilidades e incomunicabilidades localizadas.
- b) Colocá-los em regime de tensionamento.
- c) Estabelecer o marco metateórico como uma ou mais tensões específicas e localizadas entre comunicabilidades e incomunicabilidades.

A identificação de tensionalidades comunicacionais podem ser estabelecidas a partir de casos-limites, situações ideal-tipo ou posições tendenciais, no espectro dos relatos feitos ou diretamente em pesquisa, junto aos observáveis ou nas análises de dados. A aplicação dialética de tensionalidades entre comunicabilidades e incomunicabilidades não é definidora em si mesma, pois, na realidade, dificilmente os casos-limites são de fato encontráveis. Mesmo em Weber, a ideia de ideal-tipo jamais pretendeu funcionar como um descritor pressuposto, pois isso nem sequer seria compatível com a abordagem científica, mas, sim, operar como um *patern* ou um referencial padrão, a partir do qual a realidade seria interpretada. Tais posições metateóricas cumpririam, portanto, a função de marcos interpretativos, feitos para dar clareza às distinções e nuances que os operadores descritivos iriam fazer.

Assim, pois, entre as comunicabilidades e as incomunicabilidades, a pesquisa em comunicação poderia formatar um ou mais gradientes de possibilidades para a compreensão especificamente comunicacional dos fenômenos. Importante observar que este regime dual ou dialético de articulação conceitual não constitui um modelo teórico, mas sim uma modelagem metateórica capaz de dialogar com as teorias pretensamente gerais, como a de Marcondes Filho, tanto quanto com as teorias intermediárias, como a que Braga tem construído de forma singularmente heurística. E isso é possível porque a despreensão teórica está firmemente radicada no pressuposto de que não há apenas um conceito ou uma única articulação conceitual válida para a comunicação e de que, na verdade, o objeto de uma ciência da comunicação atual pode ser o tensionamento interconceitual ou intercategorial das comunicabilidades e incomunicabilidades que as diferentes teorias propõem descrever. Esse trabalho, portanto, só apresenta valor num âmbito metateórico, isto é, no plano epistemológico especificado pela diversidade conceitual, espaço cognitivo no qual o debate se concentra nas relações interconceituais e interteóricas, e não na propositura de uma ou outra forma de pensar.

Observem-se, como exemplo, as tensionalidades interpostas no debate havido entre Marcondes Filho e Braga, sobre o conceito de comunicação. Em Marcondes Filho, temos um conceito de comunicação que se articula no sentido de descrever um regime generalizado de incomunicabilidade, restringindo ao limite as possibilidades comunicacionais da teoria. E em Braga ocorre o contrário, a noção de comunicação revela-se como um regime generalizado de comunicabilidades múltiplas, que circulam em circuitos e dispositivos, no contexto de uma sociedade em midiaticização. Nesse sentido, o debate promovido por ambos pode se constituir em um objeto de pesquisa comunicacional, nesse sentido. Estudos ulteriores, sobre os modos como, em Ciro, as incomunicabilidades fazem revelar as raras comunicabilidades e, em Braga, como os regimes de comunicabilidades articulam tensionalidades incomunicacionais, podem nos levar a novas formulações

metateóricas de elevado interesse para uma compreensão do que essas articulações teóricas nos mostram.

5 Considerações finais

O regime tensional de comunicabilidades e incomunicabilidades, metateoricamente desenvolvido, não se presta apenas à articulação interteórica, mas também pode ter incidência metodológica sobre a pesquisa em comunicação. Isto é, pode ser utilizada na produção de conhecimento diretamente sobre os observáveis da realidade.

Temos trabalhado isso em nossos estudos sobre comunicação e religiosidade, comunicação e política e comunicação e educação, campos de interface onde temos buscado verificar as possibilidades metodológicas de uma visão dialética das comunicabilidades, pensada metateoricamente.

Os resultados têm sido promissores, razão pela qual enxergamos pertinência na formulação de uma metateoria das tensões comunicacionais, que sirva de elemento sustentador de um objeto metateórico para a comunicação e, nesse sentido, auxilie o campo a colocar em diálogo as visadas dispersas, a fim de contribuir para arquiteturas teóricas nas quais as discrepâncias possam dialogar, alcançando descritores e categorias analíticas não exógenas, especificamente comunicacionais.

Referências

- ABRANTES, Paulo. O programa de uma epistemologia evolutiva. *Revista de Filosofia*, Curitiba, v. 16, n. 18, p. 11-55, jan-jun/2004.
- BERGER, Charles R. Por que existem tão poucas teorias da comunicação? In: MARTINO, Luiz C.; BERGER, Charles R.; CRAIG, Robert T. *Teorias da comunicação: muitas ou poucas?* Cotia: Ateliê Editorial, 2007, p. 43-79.
- BOURDIEU, Pierre. Le champ scientifique. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 2/3, p. 88-104, jun/1976.
- BRAGA, José Luiz. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação. *Contracampo*, Niterói, v. 10, n. 11, p. 219-236, 2004. DOI: <https://doi.org/10.22409/contracampo.v0i10/11.542>.
- BRAGA, José L. W. Nem rara, nem ausente – tentativa. *MATRIZES*, São Paulo, ano 4, n. 1, p. 65-81, jul-dez/2010a.
- BRAGA, José Luiz. Comunicação é aquilo que transforma linguagens. *ALCEU*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 20, p. 41-54, jan./jun. 2010b. Disponível em: http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu20_Braga.pdf.
- BRAGA, José L. W. Dispositivos interacionais. *Anais do XX Encontro da Compós*, Porto Alegre, 14-17/6/2011a.
- BRAGA, José L. W. Constituição do campo da comunicação. *Verso e Reverso*, v. XXV, n. 58, p. 62-77, jan-abr/2011b.
- BRAGA, José L. W. Interação como contexto da comunicação. *MATRIZES*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 25-41, jul-dez/2012.
- BRAGA, José L. W. O que a comunicação transforma? In: BRAGA, J. L.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A.; GOMES, P. G. *10 perguntas para a produção do conhecimento em comunicação*. São Leopoldo: Unisinos, 2013, p. 161-171.
- BRAGA, José Luiz. Um conhecimento aforístico. *Questões Transversais*, São Leopoldo, v. 2, n. 3, p. 44-53, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/8554>.
- BRAGA, José L. W. O que é comunicação? *Liberio*, São Paulo, v. 19, n. 38, p. 15-20, jul-dez/2016.
- BRAGA, José L. Comunicação gerativa: um diálogo com Oliver Sacks. *MATRIZES*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 35-55, mai-ago/2017.

- BRAGA, José L. W. Teorias intermediárias: uma estratégia para o conhecimento comunicacional. *MATRIZES*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 101-117, mai-ago/2020.
- CASTILLO, Edelmira; VÁSQUEZ, Marta L. El rigor metodológico en la investigación cualitativa. *Colombia Médica*, v. 34, n. 3, 2003.
- DA COSTA, Iriudsana M. J.; LACERDA, Juciano de S. Contribuições brasileiras para as teorias da comunicação midiática: breve análise dos artigos do GT Epistemologia da Comunicação da Compós de 2007 a 2013. *Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Rio de Janeiro, 4 a 7/9/2015.
- DRUETTA, Delia C. Desafios atuais da área da comunicação. *Comunicação & Educação*, ano XII, n. 3, p. 51-60, set-dez/2007.
- DUARTE, Jorge. *Comunicação pública*: estado, mercado, sociedade e interesse público. São Paulo: Atlas, 2007.
- ECO, Umberto. *Estrutura ausente*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1967.
- FELINTO, E. Patologias no sistema da comunicação: ou o que fazer quando seu objeto desaparece. In: FERREIRA, G.; MARTINO, L. C. *Teorias da comunicação*. Salvador: UFBA, 2007.
- FRANÇA, Vera. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? *C-Legenda* – Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual, n. 5, 2001.
- HUSSERL, Edmund. A filosofia como ciência de rigor. *Revista de Estudos Universitários – REU*, v. 1, n. 1, p. 39-76, 1968.
- LAKATOS, Imre. *La metodología de los programas de investigación científica*. Madri: Alianza Editorial, 1983.
- LEMONS, André L. M.; BITENCOURT. Antropocentrismo e comunicação: análise dos GT da Compós “Epistemologia da comunicação” e “Comunicação e cibercultura”, de 2017 a 2019. *Fronteira – Estudos midiáticos*, v. 23, n. 1, p. 40-56, 2021.
- LUHMANN, Niklas. Autopoiesis: what is communication? *Communication Theory*, v. 2, issue 3, p. 251-259, aug/1992.
- MARCONDES FILHO, Ciro J. *Para entender a comunicação*: contatos antecipados com a Nova Teoria. São Paulo: Paulus, 2008.
- MARCONDES FILHO, Ciro J. *O princípio da razão durante*: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica. São Paulo: Paulus, 2010.
- MARCONDES FILHO, Ciro J. Duas doenças infantis da comunicação: a insuficiência ontológica e a submissão à política. Uma discussão com José Luis Braga. *MATRIZES*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 169-178, ago-dez/2011.
- MARCONDES FILHO, Ciro J. Ensaio sobre a Incomunicação. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, v. 9, n. 17, p. 40-49, 2013a.
- MARCONDES FILHO, Ciro J. *O rosto e a máquina*: o fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medial e tecnológico. São Paulo: Paulus, 2013b.
- MARCONDES FILHO, Ciro J. A questão da comunicação. *Paulus – Revista de comunicação da FAPCOM*, v. 3, n. 5, p. 17-26. jan-jul/2019.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. *Mídia e poder simbólico*: um ensaio sobre comunicação e campo religioso. São Paulo: Paulus, 2005.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. A ilusão teórica no campo da comunicação. *Famecos*, Porto Alegre, n. 36, p. 111-117, agosto/2008.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. Trilhas de um espaço de pesquisa: o GT Epistemologia da Comunicação da Compós. *Comunicação, Mídia e Consumo*, ano 11, v. 11, n. 31, p. 159-177, mai-ago/2014.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. Da teoria à metodologia: um ensaio sobre a elaboração de projetos de pesquisa em comunicação. *Revista Comunicação Midiática*, Bauru, v. 11, n. 2, p. 22-35, mai-ago/2016.
- MARTINO, Luiz C.; BERGER, Charles R.; CRAIG, Robert T. *Teorias da comunicação*: muitas ou poucas? Cotia: Ateliê Editorial, 2007.
- MIRANDA, Luciano. *Pierre Bourdieu e o campo da comunicação*: por uma teoria da comunicação praxiológica. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.
- PIGNATARI, Décio. *Informação, linguagem, comunicação*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.
- PRESTES, Zoia. O rigor metodológico em pesquisa bibliográfica. *Ensino Em Re-Vista*, v. 19, n. 2, p. 403-407, jul-dez/2012.
- RÜDIGER, Francisco. A comunicação como aventura solipsística: sobre a “nova teoria” de Ciro Marcondes Filho. *Revista ECO-Pós*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 253-277, 2020.
- SALGADO, Tiago B. P.; MATTOS, Maria A. Constituição do pensamento comunicacional brasileiro: 20 anos do GT Epistemologia da Comunicação da Compós. *Anais do XXX Encontro Anual da Compós*, São Paulo, 27-30/7/2021.
- SIGNATES, Luiz. O que é especificamente comunicacional nos estudos brasileiros de comunicação na atualidade? In: BRAGA, J. L.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A.; GOMES, P. G. *10 perguntas para a produção do conhecimento em comunicação*, São Leopoldo: Unisinos, 2013, p. 19-29.
- SIGNATES, Luiz. Da exogenia aos dispositivos: roteiro para uma teorização autônoma da comunicação. *Libero*, v. 18, n. 36, p. 143-152, jul-dez/2015.
- SIGNATES, Luiz. Comunicação em reflexões metateóricas. In: *Epistemologia da comunicação*: reflexões metateóricas sobre o especificamente comunicacional. Goiânia: CEGRAF/UFG, 2021, p. 8-23.
- VASSALO DE LOPES, Maria I. Sobre o estatuto disciplinar do campo da comunicação. In: SIGNATES, Luiz. *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 277-293.
- VENERA, Isaías V. O real como impossibilidade do objeto da comunicação: uma articulação com a semiótica lacanianiana. *Fronteiras*, v. 21, n. 3, p. 41-50, set-dez/2019.
- VON FOERSTER, Heinz. *Understanding understanding: essays on cybernetics and cognition*. S/l: Springer, 2003.
- WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet H.; JACKSON, Don D. *A pragmática da comunicação humana*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença, 1987.

Artigo submetido em 20/07/2023
Aceito em 30/09/2023